







MINI-HISTÓRIAS: NARRATIVAS POÉTICAS DO COTIDIANO DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS NA ESCOLA DA INFÂNCIA

Mini-stories: Poetic narratives of the everyday life of babies and young children in kindergarten school

Roseli Gonçalves Ribeiro Martins **GARCIA**
CRIEI/UFSCar Sorocaba
Universidade Federal de São Carlos
campus Sorocaba
Sorocaba, Brasil
roselidoc@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5251-8501> 

Gillian Taveira Moraes **ICHIANA**
CRIEI/UFSCar Sorocaba
Universidade Federal de São Carlos
campus Sorocaba
São Paulo, Brasil
ichiamagillian@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1503-4329> 

Andréia Regina de Oliveira **CAMARGO**
Núcleo de Educação Infantil – NEI Paulistinha
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba
Votorantim, Brasil
acamargo13@unifesp.br
<https://orcid.org/0000-0002-1158-2814> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

Este relato de experiência propõe-se a avançar nas reflexões sobre o conceito de mini-histórias e discutir de que maneira impacta na documentação pedagógica com bebês e crianças pequenas na escola da infância e na formação docente. Mediante compromisso ético, estético e político com as crianças, refletir acerca da formação profissional se faz tão urgente, pois os condicionamentos sociais e ideológicos estarão à espreita no encapsulamento do discurso a uma obrigação protocolar formatada. Capturar pequenos fragmentos de cenas, registros sensíveis, observar, olhar e escutar ativamente as narrativas e cenas do cotidiano trazem importantes reflexões sobre o tempo, espaço, acolhimento, interações, relações, movimentos e brincadeiras que acontecem na complexidade do dia-a-dia na escola da infância, e oxalá revelam a cultura infantil. No ordinário do cotidiano pela produção das mini-histórias emerge o extraordinário.

PALAVRAS-CHAVE: Mini-história. Bebês. Memória Pedagógica. Culturas infantis.

ABSTRACT

This experience report proposes advancing on reflections about the concept of mini-stories and discuss how it impacts on pedagogical documentation with babies and young children in kindergarten and teacher training. Through an ethical, aesthetic and political commitment to the children, reflecting on professional training becomes so urgent, as social and ideological conditioning will be lurking in the encapsulation of the discourse to a formatted protocol obligation. Capturing small fragments of scenes, sensitive records, actively observing, looking and listening to narratives and everyday scenes bring important reflections on time, space, confrontinho, interactions, relationships, movements and games that take place in the complexity of everyday life in kindergarten school, and hopefully it will reveal children's culture. In the ordinary of everyday life, through the production of mini-stories, the extraordinary emerges.

KEYWORDS: Mini-story. Babies. Pedagogical Memory. Children's cultures.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho refletimos e discutimos criticamente, com foco na formação docente, os elementos e aspectos que envolvem as mini-histórias - experiências e narrativas, memórias da prática pedagógica e da cultura infantil - através da intersecção criativa da linguagem escrita e fotográfica.

As mini-histórias vêm ganhando cada vez mais espaço e têm se fortalecido nas práticas de documentação pedagógica das professoras e professores, principalmente de bebês e crianças pequenas. Essas narrativas fortalecem a identidade profissional assim como auxiliam na ampliação do repertório da linguagem fotográfica e convidam a fazer as pazes com a escrita autoral – bastante desafiadora para grande parte das professoras e professores colocar as ideias em forma de escrita autoral, criando narrativas, memórias e enredos de tempo e espaço vividos.

Remete-nos ao confronto da educação “bancária”, conforme Paulo Freire (2005) onde não se tem a oportunidade de escrever para autoria, compor ideias. Pode-se dizer dessa maneira que as mini-histórias (re)significam o olhar, a escuta e o acolhimento diário.

Narrar saberes e fazeres de bebês e crianças por meio da sequência de imagens, cuidadosa e intencionalmente capturadas pelo olhar sensível e atento de professores e professoras da Educação Infantil, torna-se um potente meio de comunicação, tornando visível a vida pulsante do cotidiano. Conforme Paulo Sergio Fochi (2019b, p. 231):

A partir de uma breve narrativa imagética e textual, o adulto interpreta esses observáveis de modo a tornar visíveis as rapsódias da vida cotidiana. Essas rapsódias são fragmentos poéticos, portanto sempre episódicos, que, quando escolhidos para serem interpretados e compartilhados, ganham valor educativo, tornam-se especiais pelo olhar do adulto que acolhe, interpreta e dá valor para a construção de uma memória pedagógica.

Propomos o avanço da discussão de como se compõem as mini-histórias, na defesa de que também comporta um princípio estético. Refletindo com Nadja Hermann (2016, p. 23), ela discute sobre a estética na educação, na ética e na formação, destacando que “Um processo formativo pode se estruturar esteticamente na perspectiva de uma arte de viver, de criação de si mesmo, mediante a experimentação e a capacidade de escolha e decisão sobre a vida”.

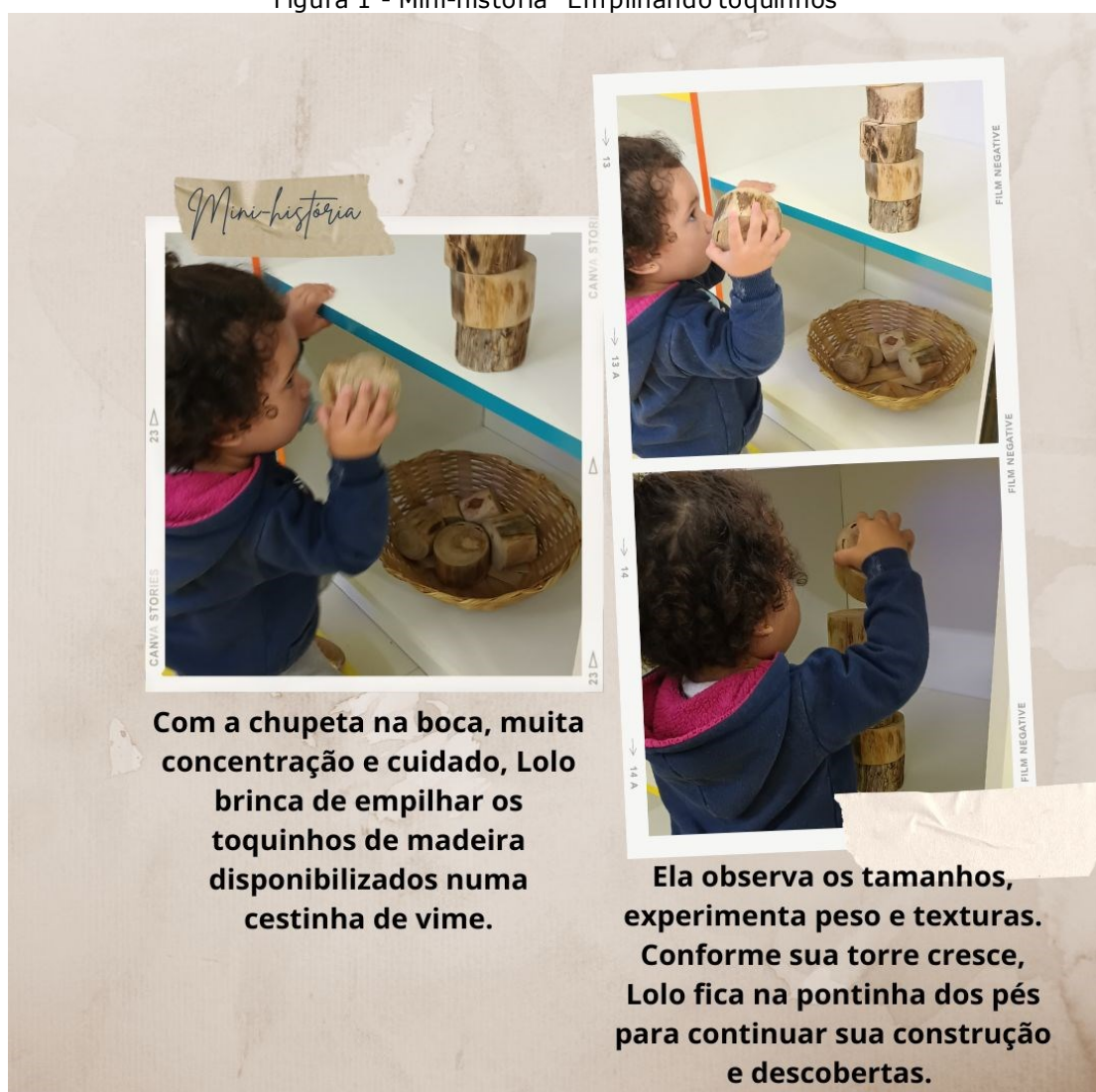
Para reflexão, neste trabalho convidamos o leitor a fruir algumas mini-histórias que trazemos da escola da infância, construídas a partir da relação pedagógica entre professoras e professores de/com crianças pequenas desde bebês¹.

COMO SÃO AS MINI-HISTÓRIAS NA DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Apoiamos nossa reflexão em e Hermann (2016, p. 23) quando la afirma que

A arte pode ressignificar a experiência de mundo por que ela mobiliza a percepção sensível e a imaginação, criando outras possibilidades de representação de mundo, pela abertura de mentes e corações. A experiência estética emancipa a realidade e nesse processo se modifica o mundo em nosso autoentendimento.

Figura 1 - Mini-história "Empilhando toquinhos"



Fonte: fotografias e escrita: acervo pessoal de Andreia Regina de Oliveira Camargo, outubro de 2022. Lorena, 01 ano e 07 meses.

¹ Todas as imagens e narrativas que compõem as mini-histórias deste artigo foram autorizadas por escrito pelas autoras/autores e responsáveis.

Nesta mini-história, “Empilhando toquinhos” (Figura 1), criada numa escola pública Federal, localizada no centro da cidade de São Paulo, observamos o olhar afinado da professora que nos leva a olhar novamente para as imagens e enfim compreender o tríduo: chupeta na boca, concentração e cuidado da bebê; os cálculos matemáticos do experimento que envolve tamanho, peso e texturas; e, por fim, o corpo todo envolvido desde as pontinhas dos pés, que não vemos, mas a professora nos conta. Imersa com os bebês e a dinâmica da turma, a captura imagética da professora deixa escapar detalhes, mas sua observação e escuta sensível narram e entrelaçam imagem e texto, complementando e enriquecendo a mini-história criada.

Lilian Lopes Martins da Silva (2011, p. VII), referindo Novaes, nos convida a pensar sobre quem olha, sobre o contexto histórico e cultural do sujeito que olha:

[...] a diferença entre os vários modos de olhar para o mundo se produz pelo envolvimento e forma de participação daquele que olha com o acontecimento da visão. Entra em cena o sujeito, dono do olhar, pois nessas muitas maneiras de olhar há sempre um sujeito. Esse sujeito é situado no tempo e no espaço e o seu olhar, um olhar construído, educado, tanto estética quanto politicamente, numa espécie de rede coletiva formada pela história e pela cultura.

As professoras e professores de bebês e crianças pequenas necessitam ter um olhar sensível para o cotidiano da Educação Infantil, e quando forem elaborar as mini-histórias devem contemplar as múltiplas linguagens das crianças. Esse olhar é algo aprendido, exige rigor e formação continuada. A fotografia pode ser um meio de registrar esse cotidiano. O uso da fotografia, nesse sentido, não é um ato neutro, como afirma Indiana Picolo Vial (2014, p. 37):

Percebe-se que a documentação através da fotografia não é neutra, pois está carregada de significados e escolhas por aquele que a utiliza para a produção da imagem, tendo em vista resultados que são frutos de um olhar intencional, carregado de subjetividades, pois a fotografia é uma maneira de ver o real e não uma visão em si mesma.

Com o intuito de tornar visíveis as experiências e aprendizagens vividas pelas crianças pequenas e bebês, podemos usar as mini-histórias. Para iniciar este caminho é preciso educar os sentidos para uma interação entre sujeitos, de corpo todo, para daí escolher momentos que sejam significativos e narrar como tais experiências aconteceram.

As práticas pedagógicas para um grupo de crianças tão pequenas são pautadas no cotidiano, no qual podem desenvolver a autonomia e construir repertório linguístico, cultural e estético. Além disso, as interações e o brincar são eixos estruturantes do

processo educativo com as crianças na Educação Infantil. A construção de vínculos com as professoras e professores e com as outras crianças e bebês, acontece por meio de experiências significativas vivenciadas no cotidiano, como brincadeiras, interações e acolhimentos.

As mini-histórias são uma das muitas opções para documentar o trabalho pedagógico realizado na escola da infância e tem como objetivo evidenciar às famílias e para comunidade escolar de maneira acessível, poética e sensível as experiências dos bebês e das crianças bem pequenas no processo educativo.

Figura 2 - Mini-história "Bolo no tanque de areia"



Fonte: fotografias e escrita: acervo pessoal de Gillian Taveira Moraes Ichiamia. Luana, 3 anos e 7 meses, abril de 2021.

A mini-história "Bolo no tanque de areia" (Figura 2), foi criada em uma escola de caráter privado, em São Paulo, capital. Essa mini-história nos leva a refletir sobre currículo na escola da infância. As seis imagens no tanque de areia mostram uma sequência de fazer e de desenformar um bolo. Percebe-se com o relato na mini-história ricos elementos que se destacam: a) a professora brinca no parque, relembra suas experiências da infância e convida as crianças para fazer um bolo de areia, a professora faz bolo de areia; b) uma das crianças em destaque na mini-história a imita, mas

enfrenta desafios ao desenformar, busca soluções umidificando a areia, dosando as quantidades e usando utensílios que busca em seu repertório cultural; c) diante do êxito, com sorriso no rosto convida a professora para brincar de novo no dia seguinte. Como elaborar com antecedência uma sequência didática ou planejar de forma fechada sem considerar as curiosidades, descobertas e encantamentos de bebês e crianças na escola da infância?

Para elaborar uma mini-história necessitamos estar atentos a aspectos como: tempo, espaço, personagens, narrador e enredo. Escrever mini-histórias exige um rigor para conseguir narrar acontecimentos do cotidiano infantil. É uma maneira de partilhar reflexões, conhecimento, olhares e saberes.

Figura 3 - Mini-história "A brincadeira do Tom"



Fonte: fotografias e escrita: acervo pessoal de Gillian Taveira Moraes Ichiam. Tom, 1 ano e 10 meses, maio de 2022.

A mini-história "A brincadeira do Tom" (Figura 3), foi criada em uma escola de caráter privado, em São Paulo, capital. Essa mini-história nos apresenta as muitas possibilidades de propostas de espaço e de materiais para ação pedagógica, e como as crianças pequenas e bebês interferem ativamente nestas possibilidades, de corpo inteiro. Nas três imagens coloridas a criança em foco manuseia um animalzinho de brinquedo perto de uma caixa com fubá, na segunda imagem ela brinca dentro deste recipiente e na terceira imagem a caixa se torna outro brinquedo com o qual interage de corpo inteiro e se torna outra brincadeira. O fubá permanece permeando todas as imagens, em todos os objetos, no chão e na criança, trazendo ao leitor o destaque do tato que nos envolve entre os sentidos.

Não há um único jeito de produzir e elaborar uma mini-história. A autoria docente pode e deve ser exercida. Utilizar novas ferramentas digitais, recursos gráficos é sempre bem-vindo. Apesar de não ter um manual a seguir, há alguns pontos que podem ser levados em consideração.

Conforme Fochi (2019a, p. 23)

Escolher contar algo sobre as crianças diz muito mais do que querer contar tudo. Ao mesmo tempo em que narramos sobre as crianças que protagonizam as histórias, também estamos falando sobre a infância enquanto uma categoria geracional e, portanto, que é histórica e socialmente construída. Por isso, as mini-histórias transformam-se em metáforas narrativas que nos contam sobre os processos de aprendizagem e de construção de significados pelos meninos e pelas meninas.

Figura 4 - Mini-história "Titinho e o livro: O que tem aí?"

Titinho e o livro: O que tem aí?
Em uma de suas chegadas à escola, Titinho, 1 ano e 10 meses, chega segurando fortemente um livro. Logo o cumprimento e falo:
Bom dia, hoje você trouxe um livro para a escola. Vamos ver seu livro! Que livro é esse, Titinho?



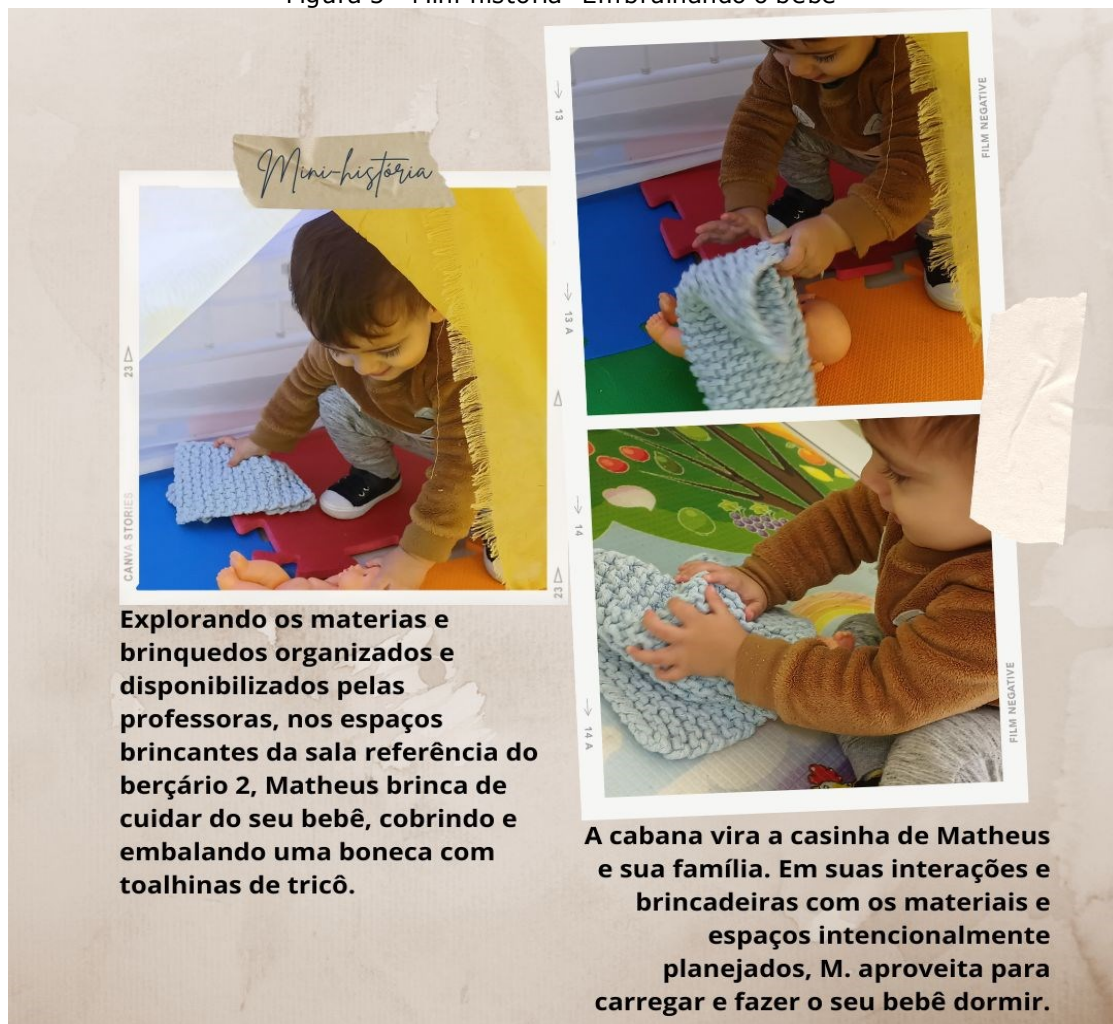
Ele me olha e com os seus dedos aponta para os personagens do livro. Nesse momento de acolhimento ele me apresenta a esse livro tão belo, poético e sensível. As rimas são potentes e trazem narrativas não tão conhecidas, como botim, carmim, Jobim. Nessa mediação literária, Titinho me apresenta essa história, juntos nós lemos para as crianças da turma e vivemos esse momento cheio de aprendizagens e simbolismo.

Fonte: fotografias e escrita: Acervo pessoal de Gillian Taveira Moraes Ichiamo, março de 2023. Titinho, 1 ano e 10 meses.

Essa mini-história foi criada em uma escola de caráter privado, em São Paulo, capital. Nesta mini-história "Titinho e o livro: O que tem aí?" (Figura 4), o texto escrito revela uma professora que acolhe e que interage, e a criança que com os olhos responde e com os dedos lê! São quatro imagens coloridas, justapostas, em que a criança folheia, lê com as mãos e com dedinhos.

Na escrita das mini-histórias há autoria docente, temos reforçado essa menção para que se entenda o quanto é importante refletir sobre a práxis docente e ter cada vez mais consciência sobre as escolhas feitas no cotidiano da Educação Infantil.

Figura 5 - Mini-história "Embrulhando o bebê"



Fonte: fotografias e escrita: acervo pessoal de Andreia Regina de Oliveira Camargo, outubro de 2022. Matheus, 01 ano e 05 meses.

Ao organizar os espaços para que as crianças pequenas e bebês investiguem e criem hipóteses, por exemplo, tem que se organizar os materiais, os tempos e os

espaços a serem oferecidos. Fazer escolhas de como ofertar os materiais, quantidade de acordo com o grupo, a divisão dele, analisar como é e de que maneiras as crianças estão vivenciando a proposta por meio de registros, pautas e fotografias. Assim, escolhas vão sendo feitas e na hora de criar a mini-história não é diferente.

Podemos observar na mini-história “Embrulhando o bebê” (Figura 5), criada numa escola pública Federal, localizada no centro da cidade de São Paulo, a fofura de uma toalhinha de tricô que se engancha no repertório cultural do bebê Matheus que brinca na cabana, e então se transforma no bebê Matheus que embrulha e embala um bebê, agora em sua casinha e de sua família. A professora nos conta que ele aproveita para carregar e fazer seu bebê dormir.

A observação que gera a documentação é marcada pela qualidade da escuta, a qual requer abertura e sensibilidade para conectar-se ao outro, para ouvi-lo. Curiosidade, dúvida, interesse, emoção estão por trás do desejo de escuta e, por isso mesmo, documentar é também compromisso, disposição de acolher as vozes dos outros, não somente com as orelhas, como adverte Carla Rinaldi (2012), mas com todos os nossos sentidos (Ostetto, 2017, p. 25).

Propõe-se analisar as fotografias, e escrever sobre elas sem ser uma legenda, mas algo mais próximo à escrita de uma crônica, breves relatos sobre uma experiência do cotidiano, de maneira poética, sensível e singular. Essa escrita pode ser demorada e solitária, pois levantar os observáveis analisados e obtidos não é tão fácil quanto parece. Após essa primeira escrita convidar alguém para compartilhar, para ler e refletir. Um dos caminhos para que as mini-histórias sejam recursos preciosos na documentação pedagógica é o compartilhamento dela com outras pessoas, construindo relação de dialogicidade.

RESISTÊNCIA: MINI-HISTÓRIAS E PANDEMIA

Nos anos de 2020 e 2021, momentos sombrios e incertos foram vivenciados. As escolas foram fechadas e as crianças e bebês ficaram em casa. As mini-histórias foram utilizadas como registros preciosíssimos para narrar as experiências das crianças, mesmo que em casa, com as famílias, professoras e professores enfrentaram os desafios. As interações foram construídas com diferentes linguagens, o uso de recursos tecnológicos, aplicativos de mensagens, troca de áudios, que fortaleceram as vivências das crianças com as professoras e professores da infância. Ser professora ou professor de bebês, e de crianças pequenas, durante o distanciamento social e fechamento das escolas na pandemia causada pela COVID-19, gerou muitas incertezas e receios devido

às especificidades das crianças tão pequenas desde os/as bebês e o seu modo único de ser e estar no mundo. Um desafio geral permeou todas essas vivências: o bem-estar global das crianças e das pessoas.

Para documentar e registrar o trabalho pedagógico, muitas professoras e professores de bebês e crianças pequenas buscaram apoio nas mini-histórias para contar e visibilizar os processos e experiências das crianças nestas interações, mesmo que *online*. “Mini-histórias como as rapsódias da vida cotidiana que, ao serem narradas textual e imagetivamente, tornam-se especiais pelo olhar do adulto que as acolhe, interpreta-as, e dá valor para a construção da memória pedagógica” (Fochi, 2019b, p.49).

Figura 6 - Mini-história e capturas de tela: “Joaquim e as amoras”



Em um dia ensolarado, Joaquim foi convidado a se aproximar de um pé de amora. Com um sorriso estampado em seu rosto, estica seu pequeno braço na tentativa de alcançá-la, desafiando seus limites. Quando consegue, demonstrar sua satisfação, levando-as à boca. Consegue guardar algumas delas para fazer uma pintura. Experimenta as amoras no papel, observando as marcas deixadas por sua tinta.

Explora as amoras com seus olhos, com suas mãos e com sua boca, tornando a experiência multissensorial e significativa.

Fonte: acervo de Andrea Mangabeira, na pandemia, setembro de 2020. Joaquim, 2 anos e 3 meses.

Na Mini-história e capturas de tela: “Joaquim e as amoras” (Figura 6), durante o isolamento social na pandemia COVID-19, a professora interage pelas telas. Essa proposta aconteceu no contexto pandêmico, estávamos em isolamento social, porém estava ligada a uma instituição de caráter privado na cidade de São Paulo, capital. A mãe de Joaquim acompanhou a proposta e desta maneira, a professora capturou as imagens dessa ação compartilhada. As cinco imagens coloridas revelam a interação com o sol, a natureza, frutas, sabores, cores e olhares que atravessam a tela. Mãos ágeis da criança que colhem frutas, saboreiam e marcam com tinta natural um pedaço de papel. A linguagem escrita pode ser desafiadora para professoras e professores no contexto pandêmico, mesmo assim com a mini-história foi possível captar de forma sensível e poética fragmentos dessas vivências.

CONSTRUINDO MEMÓRIAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E CULTURA DA INFÂNCIA

As mini-histórias também acolhem as singularidades das crianças e bebês, assim como as das professoras e professores que exercitam a autoria quando narram e colocam em palavras as múltiplas linguagens e experiências das crianças, escrevendo pequenos fragmentos apoiados pelas fotografias. Concordamos com Júlia Oliveira-Formosinho e João Formosinho (2013, p. 35) quando afirmam que

A narrativa é um caminho para criar significado quando as atividades e projetos permitem que as crianças usem os sentidos plurais inteligentes e inteligências sensíveis plurais. Quando o professor é um colecionador de artefatos infantis culturais, pode facilmente iniciar a conversa, a comunicação, os diálogos em torno desses artefatos e a experiência que os criou, fazer disponível para a criança a documentação que a ajude a revisar a aprendizagem, a identificar os processos de aprender a aprender a celebrar as realizações. As crianças conceitualizam-se como pessoas que aprendem quando têm acesso às jornadas de aprendizagem através da documentação. A complexidade deste processo permite a criação de memória e significado e impulsiona a criatividade.

Assim, a experiência vivida, a reflexão individual ou coletiva, o registro por meio das linguagens fotográfica e escrita, podem ressignificar os olhares dos vários envolvidos na ação pedagógica.

As fotografias são linguagens que auxiliam nas construções do cotidiano infantil. Luciana Esmeralda Ostetto apresenta a fotografia como um recurso que registra, testemunha e cria memória:

É importante percebermos, no ato de uma professora fazer uma foto, a preocupação explícita com a memória, com a história. Quem fotografa capta no instantâneo uma cena específica, num tempo e num espaço determinados por seu olhar; escolhe um ponto de vista específico, tem um objetivo. Todavia, depois de realizada, a foto se abre a diferentes leituras da realidade capturada, possibilitando múltiplas interpretações, de acordo, agora, com aquele que vê o conteúdo retratado. Não se limita aos olhos nem à perspectiva de quem faz a foto; permite a construção de outras histórias, tecidas pelo olhar e pela subjetividade de quem tiver contato com ela (Ostetto, 2017, p. 42).

Figura 7 - “Brincando com blocos translúcidos na mesa de luz”



Fotografias: acervo pessoal de Gillian Taveira Moraes Ichiam, outubro de 2022. Tom, 2 anos e 3 meses.

A sequência de quatro fotos (Figura 7) “Brincando com blocos translúcidos na mesa de luz” vem sem texto, apenas com breve descrição no título. Tais registros foram feitos em uma instituição de caráter privado, na cidade de São Paulo, capital.

Escolher os registros fotográficos é uma das primeiras etapas para se elaborar uma mini-história, a curadoria das fotos, colocando-as em sequências para analisar e narrar as vivências. Refletimos como a luz transpassa as cores e, como uma metáfora das mini-histórias, não sabemos como é a visão do indivíduo, mas a nossa interpretação ao observar o brincar com as possibilidades de luz e cor.

As memórias nos constituem como seres humanos e desde pequenos e pequenas nos são contadas histórias, fragmentos e crônicas de fatos que nos aconteceram, assim vamos criando nossa identidade, recontando fatos que não nos lembramos, mas que nos foram contados e representados por meio de tradições orais. Desta maneira, na escola da infância, nos deparamos com esses registros. As mini-histórias também podem ser recursos que nos ajudam a elucidar para as famílias, para outras professoras e professores e para todos que habitam a escola - esse ecossistema que é construído pelas relações - os processos vividos pelas crianças, colocando visibilidade em fatos e ações que passariam despercebidos, revelando um cotidiano ordinário em momentos e fragmentos extraordinários.

Quando pensamos na documentação pedagógica como recurso para tornar visível as aprendizagens, assim como as experiências das crianças, podemos lançar mão das mini-histórias como tal recurso.

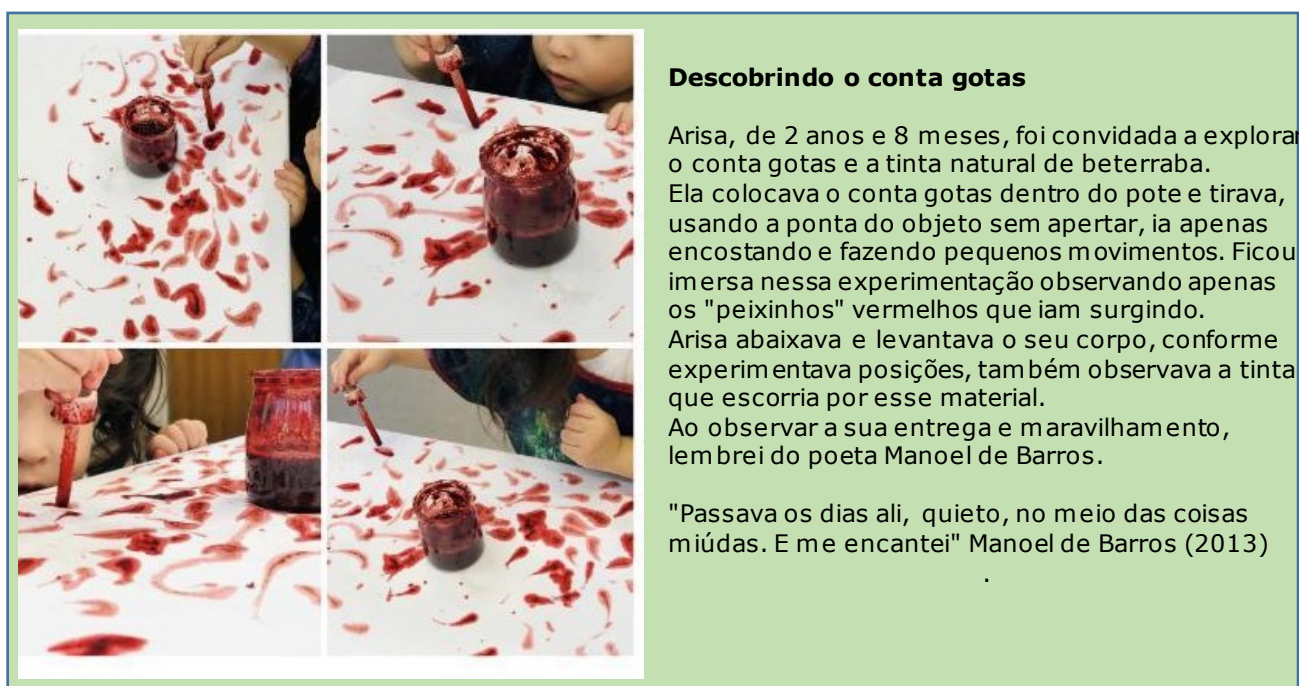
Para Vanessa Marques Galvani (2016, p. 53)

A documentação pedagógica é um processo de visualização, é poder enxergar visualmente o que os educadores selecionam como valioso, a voz que dão às crianças. Esse material precioso depende do olhar do professor, do olhar que escuta, do olhar que questiona, e não apenas o que deseja mostrar aos pais, pois é tornar evidente para si mesmo e para as crianças suas potencialidades e suas experiências.

Tornar evidente para si mesmo e para as crianças, requer pensarmos no significado da documentação pedagógica na formação de professoras e professores.

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E PROFESSORES

Figura 8 - Mini-história "Descobrimdo o conta gotas"



Fonte: fotografias e escrita: acervo pessoal de Gillian Taveira Moraes Ichiam, novembro de 2022. Arisa, 2 anos e 8 meses.

A documentação pedagógica pode ser vista como instrumento de reflexão/formação e produção docente. Essa concepção foi observada quando os autores, em sua maioria, defendiam com muita propriedade a importância da documentação pedagógica como um instrumento fundamental na prática do trabalho docente, trazendo à luz da reflexão das práticas das professoras e professores as relações com as crianças (Mello, Barbosa; Faria, 2018; Oliveira-Formosinho; Pascal, 2019; Valverde; Mello, 2021).

Na mini-história "Descobrimo o conta gotas" (Figura 8), os registros fotográficos foram feitos em uma instituição de caráter privado, na cidade de São Paulo, capital. Nessa mini-história a professora relata o encantamento da criança que expressa com seu corpo todo o fluir da tinta pelo conta gota sem apertar, e como surgem e se movimentam o que a professora chama de "peixinhos" vivos - ela interpretou porque pareciam "peixinhos" pelo formato e movimento do conta-gotas, pois essa criança ainda não usa linguagem oral para expressar-se - que nadam a frente de nossos olhos. Há uma magia aí! Uma magia literária que envolve a criança, a professora que escreve, que se refere à Manoel de Barros - seu repertório cultural, e a nós leitores desta mini-história.

Podemos analisar a documentação por três óticas: das professoras e professores, no momento da reflexão sobre a prática, na avaliação dos processos educativos, no planejamento; das crianças, na seleção e elaboração de seus portfólios memorando seu percurso; e às famílias, como forma de acessar o trabalho pedagógico e a trajetória da criança e do grupo (Marques, 2015).

A documentação pedagógica é um tema que é discutido por vários autores e estudiosos. De acordo com Gunilla Dahlberg, Peter Moss e Alan Pence (2003), ela tem a dimensão de ressoar as vozes das crianças, estando relacionada à ética do cuidado, da escuta e do encontro. Para Carla Rinaldi (2012 p. 206), a documentação pedagógica é

[...] um ponto de partida importante para o diálogo, mas também para criar confiança e legitimidade em relação à comunidade mais ampla, abrindo e tornando visível o trabalho dessas instituições. Graças à documentação, cada criança, cada pedagogo e cada instituição podem conseguir uma voz pública e uma identidade visível. Isso que é documentado pode ser visto como uma narrativa das vidas das crianças, dos pedagogos e dos pais na instituição dedicada à primeira infância, uma narrativa que pode mostrar as contribuições das instituições para a nossa sociedade e para o desenvolvimento da nossa democracia.

Sabe-se que a documentação pedagógica contribui para a formação continuada, pois exige que as professoras e professores tenham cada vez mais consciência sobre suas práticas e escolhas, fortalecendo seus fazeres pedagógicos por meio da escuta e olhar sensível, acolhendo ativamente o que as crianças expressam por múltiplas linguagens, sabendo também como são construídos os conhecimentos das crianças pequenas, desde os/as bebês, de acordo com as especificidades da Educação Infantil.

A ESCRITA DO EDUCADOR DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Lembrando Paulo Freire (1982), não é a escrita que vai levar as professoras e professores de bebês e de crianças pequenas a uma outra condição do seu trabalho, mas a leitura do mundo que vem antes desta linguagem escrita. Portanto, não é apenas relatar o mundo, mas transpor o cotidiano, traduzir as inúmeras linguagens das crianças e narrar a experiência de relação com o mundo da infância.

Registrar, documentar e compartilhar a história vivida cotidianamente com bebês e crianças pequenas, torna-se uma possibilidade de valorização e reconhecimento dos profissionais da educação da primeira infância ao “[...] lançar-se para a frente. Ver-se e rever-se. É envolver-se com o resgate do seu processo criativo, que envolve, necessariamente, o resgate da sua palavra” (Ostetto, 2012, p. 25).

Com as mini-histórias, é possível trazer ao centro da documentação pedagógica, a sensibilidade, os sentidos todos, os olhares, os sabores, os cheiros, os toques, os sons, os sentimentos, enfim, a gramática toda da linguagem infantil, de como se entrelaçam e se expressam de corpo(s) todo(s) na cultura da infância, no contexto social. As questões políticas podem ser camufladas nas relações de poder explícitas ou internalizadas pelos sujeitos.

Esse exercício, no sentido de experienciar, de ser e estar com as crianças, se compõe de/em uma fresta... fresta de luz. Fresta de luz remete a fotografia: as imagens captadas pelas lentes e foco não é por acaso, como nos diz Vial (2014), mas para além da intencionalidade há muita subjetividade. Há uma comunicação em que o emissor é autor, pois escolhe esta fresta e não outra - se ele já está liberto, emancipado, consciente de que não apenas cumpre uma rotina de trabalho na interação com a criança. Os condicionamentos sociais e ideológicos estarão à espreita, e o enfrentamento e resistência se dará pelo acesso a conhecimentos, pela ruptura com um discurso que cerceia o potencial reflexivo e crítico da professora e do professor da infância, e pela produção de novos conhecimentos.

Assim, a proposta de composição das mini-histórias no sentido que fundamentamos e defendemos neste trabalho, tem seu lastro no acesso a conhecimentos, reflexão na e sobre a prática docente e construção de novos conhecimentos.

A criação da mini-história pode se dar já no momento dos registros fotográficos, no qual capturamos a sequência das experiências e os indícios das aprendizagens. Porém, durante a ação pedagógica, poderá existir um vislumbre, uma ideia, sem o

controle do que de fato vai acontecer com essas informações, pois podemos criá-las a partir da imersão com os demais registros que fazemos nas interações com bebês e crianças. Depois sim, com a reflexão e estudo sobre o que aconteceu, sobre os registros que tem, sobre a memória, sentimentos, experiências que viveu, pode dar-se forma a uma mini-história. A/o docente é a primeira leitora, o primeiro leitor das suas mini-histórias, é a protagonista que ao mesmo tempo é autora/autor.

Autoria que se dá no distanciamento, em processo de estranhamento e suspensão do cotidiano. É olhar e olhar-se, na fruição, no compartilhar entre pares e com as crianças e, no compartilhar com as pessoas que habitam a escola da infância e com as famílias. A suspensão do cotidiano, a arte na e da vida, nos possibilita entrever - pelas frestas - quem somos.

Para D. Jean Clandinin e F. Michael Connelly (2011, p. 24) a narrativa pode por excelência expressar a experiência, e referindo a Dewey nos dizem o quanto "Aprendemos sobre Educação pensando sobre a vida, e aprendemos sobre a vida pensando em Educação. Esta atenção voltada para a experiência e o pensamento sobre Educação como experiência é parte do que os educadores fazem nas escolas".

Assim, as professoras e professores, as crianças pequenas e bebês, assim como com cada membro de suas famílias, interagem na comunidade escolar e com todas as pessoas que habitam este espaço, por sua vez na relação com o entorno social, formando um contexto coletivo.

Assim, professoras e professores, crianças pequenas e bebês, como também cada membro de suas famílias, interagem enquanto parte da comunidade escolar, inserida em seu entorno social, formando um contexto coletivo.

Para Dewey, a experiência é pessoal e social. Tanto o pessoal quanto o social estão sempre presentes. As pessoas são indivíduos e precisam ser entendidos como tal, mas eles não podem ser entendidos somente como indivíduos. Eles estão sempre em interação, sempre em um contexto social (Clandinin; Connelly, 2011, p. 30).

E cada círculo de experiências e interações desencadeiam outras experiências e interações. Para estes autores esse é um pensamento-chave nas reflexões sobre educação quando afirmam que "[...] à medida que pensamos sobre o aprendizado de uma criança, sobre a escola, ou sobre uma política em particular, há sempre uma história, que está sempre mudando e sempre encaminhando-se para algum outro lugar" (Clandinin e Connelly, 2011, p. 30-31).

ENTRE MINI-HISTÓRIAS E CONSIDERAÇÕES

Segundo Fochi (2019a, p. 17): “É exatamente na busca por formas de comunicação mais sensíveis ao mundo das crianças que surgem as mini-histórias”. Sensibilidade que perpassa os sentidos de professoras e professores, na busca pela captura poética de saberes e fazeres de bebês e crianças da Educação Infantil.

Sua potência comunicativa agencia a sensibilidade ao mundo das crianças, mas não pode deixar de sensibilizar-se criticamente pela formação docente. Senão acaba por ser apenas mais um formulário, no sentido burocrático da palavra, que pode demandar da professora, do professor da infância, mais uma obrigação protocolar formatada. Cabe destacar nosso compromisso ético com os/as bebês e crianças ao observar, fotografar e narrar tais experiências, considerando a importância do diálogo, do consentimento e do respeito aos momentos singulares de cada um e uma.

As mini-histórias podem ser uma brecha, através da estética, por onde a docência e a cultura infantil sejam compartilhadas, comunicadas, valorizadas e reconhecidas, mas não somente na escola da infância, como também na educação básica e no ensino superior, tendo em vista sua potência comunicativa.

Lembrar que as mini-histórias são feitas a partir dos observáveis e registros feitos do cotidiano infantil, ter um fio condutor para construir uma narrativa argumentativa, que potencialize e dê visibilidade às aprendizagens das crianças, também faz parte da premissa da mini-história. A mini-história é uma estratégia pedagógica, pois está relacionada ao modo de fazer, refletir e narrar o cotidiano pedagógico das crianças no processo educativo.

As concepções que as professoras e professores têm sobre o ato educativo influenciam diretamente a escrita e reflexões sobre as práticas educativas nas quais as mini-histórias estão inseridas, trata-se de um registro específico que compõe a documentação pedagógica da e na Educação Infantil, deixando marcas estruturantes sobre um projeto de sociedade e ser humano. Desta maneira, podemos relatar sobre o rigor e compromisso ético ao utilizarmos esse tipo de narrativa, pois como mencionado anteriormente, há agenciamento das crianças e das experiências singulares no cotidiano infantil, reposicionando adultos e crianças em seus papéis na escola da infância.

O adulto interpreta e narra as rapsódias, fragmentos poéticos das vivências e experiências das crianças no cotidiano infantil. Esses fragmentos poéticos, que são entendimentos da força do agir das crianças, são narradas por adultos que singularmente registram, anotam, refletem e revisitam os aspectos observáveis do

cotidiano infantil. É um convite a voltar a ver, como um exercício de escuta, no tempo da experiência, sem pressa. São narrativas de memórias pedagógicas entretecidas às experiências vividas na escola da infância.

E aqui fica o convite para que possamos ler, criar, narrar e compartilhar nossas experiências pulsantes da e na Educação Infantil, por meio de mini-histórias, e que estas possam mobilizar novas formas de ser e estar com os bebês e as crianças, pulsando novas práticas, estudos, escritos e quiçá novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Biblioteca Manoel de Barros**. Leya, 2013.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FOCHI, Paulo. As mini-histórias como um conceito de narrativa pedagógica. *In*: FOCHI, Paulo Sergio (org.). **Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil - OBECI**. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019a.

FOCHI, Paulo Sergio. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil-OBECI**. Doutorado em Educação. Área: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019b.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler - em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALVANI, Vanessa Marques. **Uma nova lente para o professor: potencialidade da fotografia como dispositivo de pesquisa para ações pedagógicas**. 2016. 168 f. Dissertação (Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

HERMANN, Nadja. Conversando com Nadja Hermann. *In*: RAJOBAC, Raimundo; BOMBASSARO, Luiz Carlos; GOERGEN, Pedro. **Experiência formativa e reflexão**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. p. 15-28.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes. **A Documentação Pedagógica No Cotidiano Da Educação Infantil: Estudo De Caso Em Pré-Escolas Públicas**. IFSP Campus São Paulo. Agência Financiadora: CAPES 37a Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

MELLO, Sueli A.; BARBOSA, Maria Carmen S.; FARIA, Ana Lúcia Goulart. **Documentação pedagógica: teoria e prática.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João. **Pedagogia-em-participação: a perspectiva educativa da associação criança.** Porto: Porto Editora, 2013.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; PASCAL, Christine. **Documentação pedagógica e avaliação na educação infantil: um caminho para a transformação.** Porto Alegre: Penso, 2019.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores.** Campinas, SP: Papirus, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. No tecido da documentação, memória, identidade e beleza. *In*: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Registros na educação infantil: pesquisa e prática.** São Paulo: Papirus, 2017. p. 19-53.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar, aprender.** São Paulo: Paz & Terra, 2012.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. Prefácio: Entre estágios, diários de campo, leituras. *In*: SILVA, Adriana *et al.* **Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa.** Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. VII-XI.

VALVERDE, Sonia Larrubia; MELLO, Suely Amaral. **Documentar: um novo olhar.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

VIAL, Indiana Picolo. **Documentação pedagógica no berçário: reflexões, registros e propostas.** 2014. 59 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, 2014.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

MINI-HISTÓRIAS: NARRATIVAS POÉTICAS DO COTIDIANO DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS NA ESCOLA DA INFÂNCIA

Mini-stories: Poetic narratives of the everyday life of babies and young children in kindergarten school

Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia

Doutora em Educação

Pesquisadora do CRIEI - Grupo de pesquisas a respeito das crianças, educação infantil e estudos da infância Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba Sorocaba, Brasil

roselidoc@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5251-8501>

Gillian Taveira Moraes Ichiamia

Especialista em Educação Infantil

Pesquisadora do CRIEI - Grupo de pesquisas a respeito das crianças, educação infantil e estudos da infância Universidade Federal de São Carlos Campus Sorocaba São Paulo, Brasil

ichiamagillian@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1503-4329>

Andréia Regina de Oliveira Camargo

Doutora em Educação

Professora de educação básica, técnica e tecnológica (EBBT) Núcleo de Educação Infantil – NEI Paulistinha Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) Universidade Federal de São Carlos – UFSCar campus Sorocaba Votorantim, Brasil

acamargo13@unifesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-1158-2814>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Padre Paiva, 165, CEP 18108-110, Sorocaba, SP, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas crianças que nos provocam, nos encantam, e nos fazem pensar mais sobre a vida.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: R. G. R. M. Garcia, G. T. M. Ichiamia, A. R. de O. Camargo.

Coleta de dados: R. G. R. M. Garcia, G. T. M. Ichiamia, A. R. de O. Camargo.

Análise de dados: R. G. R. M. Garcia, G. T. M. Ichiamia, A. R. de O. Camargo.

Discussão dos resultados: R. G. R. M. Garcia, G. T. M. Ichiamia, A. R. de O. Camargo.

Revisão e aprovação: R. G. R. M. Garcia, G. T. M. Ichiamia, A. R. de O. Camargo.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Foi obtido o consentimento escrito dos participantes.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 20-05-2023 – Aprovado em: 09-10-2023